



O Museu de Percurso da Vila do IAPI: Como um patrimônio se torna museu¹

Pablo Barbosa de Oliveira²

Resumo: Este artigo se baseia na proposta apresentada no trabalho de conclusão de curso da Museologia da Universidade Federal de Rio Grande do Sul, defendida em 2018, com o nome de “A vila museu do IAPI: Onde o patrimônio se torna museu” que apresenta uma proposta de museu de percurso para a Vila do IAPI. O artigo, divide-se em três etapas: na primeira, apresento alguns pontos sobre a história e cultura da Vila; na segunda etapa, apresento conceitos sobre patrimônio e problematizando sobre o patrimônio do IAPI; na terceira e última etapa, proponho o projeto de um Museu de Percurso da Vila do IAPI. O estudo realizado ancora-se em bibliografia específica da área de patrimônio, bem como em teóricos da museologia e no histórico do IAPI, formulando, a partir desse referencial teórico, a proposta de um museu de percurso para a Vila.

Palavras-chave: Vila do IAPI; Museu de Percurso; Patrimônio; Preservação; História.

The Route Museum of “Vila do IAPI”: How a patrimony becomes a museum

Abstract: This article is based in the proposal of the work of conclusion of course of Museology in University Federal of Rio Grande do Sul, defended in 2018, with the name of “The village museum of IAPI: Where a patrimony become a museum”, that presents a proposal of route museum to the *Vila do IAPI*. To do so, it's divided in three steps: in the first place, it presents an introduction of the *Vila* about your history and culture. In the second place, are presented concepts about patrimony, besides a problematization about the patrimony of *IAPI*; in the third and last step, it is proposed the project of Route Museum in *Vila do IAPI*. The study accomplished it is anchored in the specific bibliography of the patrimonial area, such as in the theoreticals of museology and history of *IAPI*, formulating, from this theoretical reference, the proposal of route museum to the *Vila*.

Key-words: Vila do IAPI; Route Museum; Patrimony; Preservation. History.

Introdução

A Vila do IAPI (Instituto de Aposentadoria e Pensões dos Industriários), localizada na zona norte de Porto Alegre, foi um berço para mim. Minha família, desde antes da fundação da Vila em 1951, nela reside. Foi para lá que meu bisavô se mudou com sua recém-formada família para trabalhar em uma fábrica metalúrgica e viver na então Vila destinada aos industriários. Foi no IAPI que meus avós se conheceram e começaram também sua família, além de ter sido nele que meu pai cresceu e conheceu sua futura esposa, minha mãe. Eu cresci como uma legítima criança do IAPI, jogando futebol no parque Alim Pedro e andando de bicicleta em cada avenida, rua e viela que compõe a Vila. Morei no IAPI por quinze anos, passando por

1 Trata-se de artigo gerado a partir do trabalho de conclusão de curso do autor, denominado “A vila museu do IAPI: Onde o patrimônio se torna museu”

2 Museólogo formado na Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Possui experiência com pesquisa e conservação de acervos, além de sua divulgação científica. . Email:pablobarbol@gmail.com.

momentos de felicidades e tristezas, os quais nunca irei esquecer. O IAPI me deu muito e, em retribuição, gostaria de lhe dar um museu, cujo projeto apresentei no trabalho de conclusão do curso de Museologia e que retomo neste artigo.

O reconhecimento e o empoderamento que um museu proporciona para uma comunidade é importante para seu reconhecimento e desenvolvimento. Nessa perspectiva, os moradores do IAPI precisam contar suas histórias e evidenciar a sua importância para a cidade. O IAPI foi de grande relevância para o desenvolvimento econômico do município, uma vez ser lá que os industriários de Porto Alegre viviam. Contudo, o patrimônio da Vila ainda é desconhecido por grande parte da população porto-alegrense, por razão de não ser um bairro central ou localizado nas imediações do centro da cidade.

Por ser um lugar de memória, com uma história rica e um patrimônio material e imaterial com grande significado e importância para Porto Alegre, o IAPI e sua população merecem mais atenção. Os moradores e a cidade de Porto Alegre carecem saber mais sobre sua história, ainda mais o IAPI que é uma zona distante dos principais focos culturais da cidade. Os equipamentos culturais da cidade terminam por se resumir ao centro e aos seus arredores.

Assim, os problemas que busco responder nesse artigo são: A Vila do IAPI apresenta potencial para criação de um museu de percurso em seu território? Quais patrimônios de seu território tem potencial de pertencer ao museu de percurso?

Considerando o IAPI como um importante espaço de Porto Alegre, com significado e protagonismo, este artigo espera possibilitar que mais histórias da Vila possam ser divulgadas e terem sua devida valorização, assim como espero inspirar outros bairros que têm suas histórias desconhecidas, a fim de que possam buscar a recuperação cultural de seus espaços.

A Formação da Vila do IAPI

Porto Alegre enfrentou no ano de 1941 um intenso período de chuvas que causou diversos desastres na cidade e alcançou uma precipitação que somou 791 milímetros em seu território. A principal região atingida foi a zona central próxima ao porto. A indústria que vinha em crescimento neste período tanto em Porto Alegre, como em todo Brasil, teve de se deslocar para novas áreas da capital do estado, indo, em sua maior parte, para a zona norte, considerada área mais segura em relação a novos alagamentos, além de apresentar maior proximidade com o centro. O bairro que recebeu esses moradores foi o Passo D'areia.

O governo da época, cuja figura central era Getúlio Vargas, com destaque para suas propostas populistas — como a criação do Ministério do Trabalho em 1930 — tinha na previdência uma de suas preocupações principais. Assim, foram criadas pelo Ministério do Trabalho os Institutos de Aposentadorias e Pensões (IAP's), com a missão de atender necessidades dos trabalhadores, mais especificamente, sua aposentadoria e moradia. Desse modo, iniciaram-se as construções de centros habitacionais, como o caso do Instituto de Aposentadoria e Pensões dos Industriários, também conhecido por sua sigla IAPI, implantado no bairro Passo D'Areia, em Porto Alegre.

O IAPI funcionava de forma bem prática, como algo semelhante a programas de financiamento de imóveis, existentes nos dias atuais. Eram de responsabilidade dos IAP's as construções, assim como eram delegadas aos moradores taxas que seriam pagas ao longo dos anos. Segundo Marion Nunes, Mário Coutinho e Janete Abrão:

O programa de construção habitacional para trabalhadores foi implantado, através dos IAP's, a nível nacional. Os institutos passaram a exercer a função de agentes financeiros destinados à aquisição de moradias aos seus associados, como foi o caso do IAPETEC, instituto de aposentadoria e pensões dos trabalhadores em empresa de carga. (1991, p. 8).

Para ter acesso ao benefício da aquisição de moradia, o trabalhador deveria ser associado ao IAP de sua categoria profissional e pagar uma contribuição mensal compulsória, desde que recebesse um salário correspondente ao teto mínimo estipulado pelo seu instituto.

Dessa forma, foram os próprios funcionários do IAPI que habitaram essas moradias, antes mesmo do fim das obras, iniciadas no ano de 1946, no governo do General Eurico Gaspar Dutra e finalizadas, bem como inauguradas, no ano de 1953 pelo então presidente Getúlio Vargas

O projeto previa a construção de 1625 moradias, mas foram construídas 2533, divididas em casas e blocos de apartamentos de dois, três e quatro andares, além de prédios voltados para o comércio local, existentes até hoje.

O IAPI conta desde o período de sua criação com 10% de seu território constituído de área verde, com diversas praças, além do popular parque poliesportivo Alim Pedro, localizado no centro da Vila. O conceito de *Cidade Jardim* guiou a construção da Vila do IAPI, quando se teve a precaução com a flora nativa, conforme observa Antônio Custódio:

O IAPI é, muitas vezes, relacionado ao conceito de Cidade Jardim, movimento inglês que influenciou empreendimentos de urbanização no Brasil à época. Independentemente da filiação, o projeto, diferente da maioria dos antecessores e posteriores, respeita a topografia do lugar e propõe uma variedade de tipologias arquitetônicas, formando contextos e conjuntos peculiares, com habitações individuais e coletivas. Além disso, insere, com ênfase, a vegetação entre jardins, vias e espaços públicos, constituindo um lugar agradável, com personalidade e muito charme. Como detalhe, também previa a criação de hortas em unidades familiares. (2014, p. 11).

Sendo assim, a Vila do IAPI respeita o meio onde foi alocada. O projeto do engenheiro Edmundo Gardolinski (1914-1974) teve muita atenção para com o meio ambiente, respeitando a antiga configuração de chácara e as características da sua flora. Além de manter as espécies nativas locais, o idealizador do projeto preocupou-se com o bem-estar dos moradores, como pontuam Nunes; Coutinho e Abrão:

A casa deve refletir as características e tendências do homem e da família, de modo a servir suas necessidades e possibilitar o desenvolvimento de uma vida sã e integral. Da mesma forma, o urbanismo deve orientar-se no sentido de planejar a edificação das cidades, tendo em vista satisfazer as necessidades fundamentais das populações e proporcionar uma convivência democrática, efetiva e feliz. (...) Esses conjuntos, tanto quanto possível, devem refletir a diversidade da vida social, evitando a homogeneidade excessiva resultante de sua locação ou venda a elementos pertencentes a uma categoria profissional específica. (1991, p. 11).

No princípio, as moradias tinham saídas para chaminés dos fogões à lenha, além de reservar os fundos para hortas ou criação de pequenos animais, como porcos ou galinhas. Não existiam garagens, cercas ou esperas para ar-condicionado, algo presente na Vila do IAPI nos dias atuais. Com o desenrolar do tempo, mudanças ocorreram. O aumento da violência levou ao cercamento das residências; a popularização

de automóveis levou ao encobrimento dos primeiros paralelepípedos por asfalto; as antigas hortas e criadouros de animais foram substituídos por garagens.

O IAPI foi e ainda se constitui um marco para a cidade de Porto Alegre, sendo morada de boa parte de uma força de trabalho que auxiliou no crescimento da cidade, estado e país, além de ser um centro de cultura e lazer para os moradores de dentro e de fora da Vila.

Os símbolos da Vila do IAPI

A vila do IAPI se traduz como uma pequena cidade dentro de Porto Alegre, onde se tem tudo de forma acessível. Ela foi planejada dessa maneira, contando com uma delegacia de polícia, escolas, centros de saúde, pequenos comércios e lazer com suas praças e parques.

A atual escola Gonçalves Dias é um símbolo do IAPI. Localizada no centro da Vila, desde 1951, na época funcionava com o nome de “Grupo Escolar Pedro Moacir”, e nela, à noite, ocorriam as aulas do ginásio do atual Colégio Dom João Becker.

Outro símbolo do IAPI é o parque Alim Pedro, principal ponto de lazer e de confraternização da Vila, no qual, anualmente, ocorre a tradicional *feira junina do IAPI*, além de outros eventos, como o desfile de blocos de Carnaval. O parque Alim Pedro apresenta quadras poliesportivas, um campo com medidas oficiais para futebol, quadra de bocha, *playground* infantis, de modo que, é um grande centro de lazer e práticas esportivas da Vila. Segundo Nunes; Coutinho e Abrão:

O campo do Alim Pedro serviu sempre como um agente de integração, porque reúne, na prática do esporte, o pessoal, a juventude. Com a quadra de vôlei, as pessoas mais idosas também utilizam para praticar esporte. Então, esse campo de futebol tem uma função muito importante. (1991, p. 19).

No IAPI está localizado o popular “Postão”, centro público de atendimento, referência em saúde na zona norte de Porto Alegre. Além de apresentar a 9ª Delegacia de Polícia Civil.

Educação, segurança e saúde tiveram investimento, pelo menos de forma estrutural, no projeto da Vila do IAPI. Com base nesses símbolos, como o posto de saúde, o parque Alim Pedro e a Escola Gonçalves Dias, afirmo tais ideias de preocupação com o bem-estar dos moradores.

Contudo a Vila do IAPI é melhor conhecida por outros símbolos, tais como a estátua da índia Obirici, localizada nas imediações do viaduto na Volta do Guerino e destaque do folclore gaúcho, e a figura da cantora Elis Regina, que cresceu na Vila. Sem desmerecer essas figuras da Vila que já apresentam um considerável destaque, desejo comunicar, através do museu de percurso, outros pontos sobre esse conjunto habitacional que faz parte de nossas histórias como brasileiros.

As atrações culturais da Vila do IAPI

A Vila do IAPI é repleta de atrações culturais que ocorrem tradicionalmente no “Y” viário chamado assim por Antônio Custódio:

pensando no acesso fácil e rápido aos diversos setores do conjunto, foi criado um “Y” viário, formado pelas Avenidas Brasiliano Índio de Moraes e Dos Industriários. A partir dessas Vias principais, as demais foram demarcadas,

preservando a área central e sempre respeitando a topografia. Ideia era que essas duas avenidas se interligassem, facilitando o acesso às demais, que limitavam e contornavam o conjunto. (2014, p. 38).

Servindo de referência para os moradores, a Avenidas dos Industriários e a Avenida Brasileiro Índio de Moraes concentram o maior fluxo de pessoas dentro da Vila do IAPI, assim como, conforme já indicado, suas principais festas, a festa junina e os blocos de Carnaval que desfilam a partir do parque Alim Pedro, localizado na Avenida dos Industriários.

O Carnaval é tradicional na Vila do IAPI. Os populares blocos de carnaval se reuniam na avenida dos Industriários para realizar seus festejos. Ali também se originou uma das grandes escolas de samba gaúchas, a “União da Vila do IAPI”. Airton Guedes citado por Flavio Krawczyk, Iris Germano e Zita Possamai, relata o início da escola:

Mas esse time Underberg, foi dali que partiu a ideia de fundar uma escola no IAPI [...]. Mas fomos desfilarmos [...] mesmo, só em 1982, [...] nós tínhamos que dar um clima de carnaval na nossa comunidade, porque o IAPI teve por muitos anos, também, carnaval de rua e nós tínhamos um bloco humorístico, que eram «As Tesouras» [...] todo mundo conhecia todo mundo [...], tu saia pro ensaio, tu já pro quintal da tua casa [...] E nossa Característica era fazer sempre um trabalho livre, leve e solto. Nós nunca nos importamos com o resultado de Avenida [...]. A Vila até hoje é tida como a escola mais simpática de Porto Alegre, porque ela se dá com todas [...]. (1992, p. 56).

Além da música fazendo parte dos programas festivos da Vila do IAPI é também visível a presença do esporte no cotidiano da Vila. Centrado no Parque Alim Pedro, o esporte é recorrente entre os moradores. O parque é um centro para a prática esportiva. No estádio, são disponibilizadas aulas gratuitas de futebol, futsal, basquete e vôlei. Ali também os moradores praticam a caminhada e corrida, na pista de atletismo. O futebol visto com muito carinho pelos moradores tem destaque principalmente no circuito amador de Porto Alegre, a popular várzea. Os times de moradores que representam a Vila do IAPI em torneios são formados de tempos em tempos. É recorrente ver aos finais de tarde jogos de futsal em uma das quadras do Alim Pedro; são diversas pessoas de todas as idades que jogam juntas e integram os moradores em uma grande unidade em prol desse esporte tão popular no Brasil.

Também a religiosidade é um marco na Vila do IAPI com a Paróquia Nossa Senhora de Fátima, localizada na Rua Dr. Napoleão Laureano. Nesse templo da religião católica são realizadas as principais missas e quermesses da Vila, além de almoços e jantás típicas, com temas diversos, com os gauchescos e os ligados a algumas das principais colonizações gaúchas, por meio de jantares italianos e alemães. A esse propósito, Nunes, Coutinho e Abrão apresentam o relato do Padre Alfredo Venturini, o então primeiro padre da Paróquia Nossa Senhora de Fátima:

Eu vim para Porto Alegre em 1950 para iniciar a construção da paróquia. As primeiras missas foram realizadas no galpão que serviu para guardar material no início da construção (...). Primeiro, se começou a assistência espiritual, então, se atendia nesse galpão, ali onde era a 9ª delegacia, perto das lojas Renner. (...) enquanto isso se foi procurando um lugar até conseguirmos este onde está construída a igreja hoje. (1991, p. 28).

Como visto nos parágrafos anteriores a relação dos moradores com o espaço é muito forte no cotidiano do IAPI. Muitos moradores viveram durante toda a vida lá. Leticia Barbosa denomina como *Topofilia* “o elo afetivo entre a pessoa e o lugar ou ambiente físico”. A autora destaca essa relação dos moradores com o espaço no IAPI:

Há na Vila do IAPI várias identidades no mesmo lugar. Lugar e identidade têm um vínculo muito forte com a questão espacial no IAPI, pois os indivíduos se reconhecem a partir de seu território. Por exemplo: são do grupo do bocha, do Estádio Alim Pedro; são do grupo da Igreja Nossa Senhora de Fátima; são do grupo da terceira idade, da AMOVI. São grupos segmentados pelo território, mas que também possuem a semelhança de identidade única, o pertencimento ao mesmo lugar, a Vila do IAPI. A identidade é construída a partir de subjetividades individuais e coletivas. Os simbolismos deste lugar contribuem enormemente para a incorporação de sua memória, carregando-o de valores e sentidos que se apresentam como suporte essencial para a ligação emocional e topofílica. (2008, p.4).

A Vila do IAPI tem nessas características apresentadas, um caráter de comunidade e união muito forte. Há nessa população uma ligação que se inicia com a criação do conjunto habitacional e com a indústria da cidade de Porto Alegre, onde se pode associar os diversos atrativos do bairro com a forte relação que tem, com ele, a sua população. É desnecessário que um morador do IAPI saia de onde vive, já que praticamente todas as suas necessidades básicas são supridas no bairro ou próximo dele, de modo que a Vila se constitui, assim, uma minicidade dentro de Porto Alegre, repleta de cultura e singularidade.

A Vila do IAPI como patrimônio

Um dos motivos que justifica minha pesquisa sobre o IAPI deve-se ao fato de a Vila não ser tombada, de modo que se faz necessária a preservação do espaço. Acerca disso, Luiz Antônio Custódio apresenta informações em relação à proteção do patrimônio da Vila do IAPI:

No ano de 2012, visando a maior proteção do bem, a Vila do IAPI passa integrar o Inventário do Patrimônio Cultural de Porto Alegre- Bens Imóveis, sendo, então, a partir dessa data, o conjunto também protegido pela Lei do Inventário (L.C.nº. 601/08), e todas edificações ali existentes classificadas nas categorias de estruturação ou de compatibilização da referida Lei. Ainda em 2012, por ocasião dos trabalhos necessários à inventariação dos imóveis da Vila do IAPI realizados pela EPAHC, o conjunto de diretrizes elaborado em 1994 foi complementado, adequado às novas legislações, bem como a concepções teóricas mais contemporâneas relativas à preservação do patrimônio cultural. (2014, p. 35).

Assim, a Vila do IAPI, por ser um espaço destinado a industriários e carente de manutenção, necessita de uma melhor garantia de preservação. A Vila do IAPI pode ser compreendida à luz do conceito de *espaço*. Segundo Milton Santos: “O espaço é a categoria mais geral, que contém objetos geográficos, naturais e sociais e a vida que os preenche e anima. Contém movimento” (1996, p.73). Vila do IAPI, a qual tem uma vasta área verde natural, na qual se situam relações sociais, sendo uma das características de cidades jardins justamente essa interação constante entre as áreas natural e social.

Meira (2004) utiliza um conceito de patrimônio como herança, conceito este antigo e que se aplica à Vila do IAPI, pois a tradição é forte em suas ruas. São pessoas idosas que passam o patrimônio adiante; praças e parques são cuidados por moradores; os filhos estudam nas escolas próximas; a prática do esporte é preservada por diversas gerações. Basta um sábado de sol para que a cultura do IAPI apareça: andando pela Vila, é possível testemunhar ações como essas e confirmar a visão de patrimônio como algo herdado e transmitido.

É possível, também, definir a Vila do IAPI como um patrimônio industrial. De com a Carta Nizny Tagil (2003) o Patrimônio Industrial é:

O patrimônio industrial compreende os vestígios da cultura industrial que possuem valor histórico, tecnológico, social, arquitetônico ou científico. Estes vestígios englobam edifícios e maquinaria, oficinas, fábricas, minas e locais

de processamento e de refinação, entrepostos e armazéns, centros de produção, transmissão e utilização de energia, meios de transporte e todas as suas estruturas e infraestruturas, assim como os locais onde se desenvolveram atividades sociais relacionadas com a indústria, tais como habitações, locais de culto ou de educação.

Portanto, o IAPI se enquadra como um conjunto habitacional junto ao conceito de Patrimônio industrial da carta. Assim, um local importante para memória da classe industrial e que deve ter sua preservação e divulgação ampliada em prol da população.

À luz das definições que apresento no início desta parte, é possível perceber que o patrimônio se transforma, não se trata de um patrimônio a ser projetado para se tornar museu. Trata-se de um processo. A transformação ocorre com o tempo e a preservação. Se o IAPI fosse corrompido pela especulação imobiliária, seria trágico o seu destino. A visão no entorno do IAPI é a de uma cidade moderna, são automóveis, prédios enormes e *shoppings centers* que fazem a Vila em seu meio funcionar como uma máquina no tempo. Muitas das ruas dos IAPI são estreitas, além de serem calmas, de modo que o movimento é inexpressivo. Seus prédios são blocos, com janelas largas, todos com semelhante arquitetura, elevadores são inexistentes. A avenida Brasiliano Índio de Moraes é a mais movimentada. Apesar das mudanças do mundo exterior, que o diferem do IAPI, este permanece preservado, o que faz dele um patrimônio herdado, apesar de carecer de maior proteção.

O IAPI, incluso no cotidiano de sua população e reconhecido por ela, será preservado. Com a divulgação de sua importante história será possível moradores ou não compreenderem que não se trata apenas de blocos residenciais. O IAPI é um importante marco de formação social e econômico em Porto Alegre. É importante que profissionais da área da preservação e cultura não abracem apenas prédios tradicionais e imponentes, como grandes museus e esculturas que normalmente situam-se nos centros urbanos. A história não se conta apenas a partir do centro. A periferia contém conteúdo e patrimônio que precisam de preservação e pesquisa.

O Museu de Percurso da vila do IAPI

Com base nas ideias desenvolvidas, é possível projetar um museu no espaço onde a Vila do IAPI está localizada. O questionamento realizado quando concebi a ideia desta pesquisa foi de qual seria a melhor tipologia museológica para um museu no IAPI? Tendo noção da participação popular e a interação entre as pessoas na Vila, percebe-se um potencial para desenvolver ações vinculadas à Museologia. Assim, como se construiria uma instituição nesses moldes? Imagino que seria necessário abordar os diversos pontos históricos e afetivos do IAPI para promover e valorizar a cultura do bairro através do museu.

Baseio-me no conceito de patrimonialização. O processo de interpretação do patrimônio é retratado de forma mais minuciosa por Stela Maris Murta:

A interpretação não é um evento em si, mas um processo contínuo que envolve a comunidade com o passado, presente e futuro de um acervo, de um sítio ou de uma cidade. Seu objetivo é apresenta-los, promove-los e atualizá-los como atrações. Um plano de interpretação abrangente deverá atrair a ressonância de várias vozes da comunidade para o desenvolvimento de projetos turísticos e culturais. A ideia é formar uma base sólida de reconhecimento do plano interpretativo como uma rede de descobertas e de fruição da localidade para residentes e visitantes. (1995, p. 25).

Esse processo de interpretação sobre o patrimônio da Vila do IAPI como um museu de percurso é uma possibilidade fantástica. Pessoas de fora do IAPI serão apresentadas à cultura do bairro, apresentação esta que compreenderá toda a conexão entre os moradores e o patrimônio. Esse museu de percurso seria uma visão ampla da história do IAPI, passando por pontos estratégicos como o parque Alim Pedro, a escola Gonçalves Dias, a praça Chopin dentre outros.

Visando ao conhecimento da Vila do IAPI, por parte de pessoas de fora de seu espaço, e tendo um caráter de integração social entre os moradores do bairro, o museu ainda contribuirá na busca pelo empoderamento de sua população. São exemplos de museu dessa tipologia o Museu de Percurso do Negro e o Museu de Percurso da Ilha da Pintada, ambos localizados em Porto Alegre, que são ilustrativos da integração popular e da divulgação do patrimônio material e imaterial de um espaço.

O Museu de Percurso do Negro é uma construção coletiva e busca uma representatividade patrimonial junto aos patrimônios históricos e culturais de Porto Alegre. Janice Ramos e Pedro Vargas relatam o início desse museu:

(...) somente em 2002, com a presença do projeto Monumenta na cidade, foi que a demanda por marcos esculturais foi incorporada às ações daquele projeto. O que no início seria apenas ereção de esculturas em pontos determinados da cidade, havia se tornado um projeto de Museu, que em outras palavras significa como instrumento de desenvolvimento econômico e social do povo negro da Capital, agregando um projeto de educação patrimonial destinada à formação de monitores, e trazendo à tona uma metodologia de trabalho baseada nos valores civilizatórios afro-brasileiros: como é o caso do labor em comunidade e o ato de contar com a voz dos griôs (espécie de guardiões da memória) em nome do valor da ancestralidade. (2015, p. 12).

Após pesquisa antropológica, foram elencados pontos no centro histórico de Porto Alegre para comporem o Museu de Percurso do Negro. Esses marcos são: Cais do Porto e antigos Ancoradouros; Mercado Público; Praça da Alfândega; Pelourinho em frente à Igreja das Dores; Largo da Forca, na Praça Brigadeiro Sampaio; Igreja da Nossa Senhora do Rosário; Santa Casa de Misericórdia. Fora do circuito do centro histórico ainda estão presentes como pontos de memória negra, a Colônia Africana e o Areal da Baronesa.

O Museu de Percurso da Ilha da Pintada, por sua vez, surgiu a partir da Oficina de Educação para o patrimônio na Escola Maria José Mabilde, realizada pela primeira vez em 2013 e coordenada pela Professora Doutora Ana Maria Dalla Zen, da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. A interação entre a comunidade e os alunos de Museologia dessa instituição rendeu conteúdo para a criação do museu de percurso, o qual foi inaugurado em 2016, contando com diversos pontos geográficos elencados com a presença dos moradores da Ilha da Pintada, os principais agentes dessa história. Ana Maria Dalla Zen observa a importância dos moradores na musealização e na formação do museu:

Os seus moradores se constituem em sujeitos que decidem o que lhes representa e merece ser lembrado. A pesca artesanal, estratégia de sobrevivência para gerações, é motivo de orgulho e de reconhecimento público, e dela se originou o artesanato que hoje gera renda para mulheres, empoderadas pelo protagonismo que assumiram em buscar alternativas de sobrevivência. A musealização do seu patrimônio imaterial, que inclui a pesquisa e a preservação de seu imaginário, suas lutas e memórias, práticas, expressões, representações e vivências, torna-se uma fonte inesgotável de referências para que as pessoas tenham aumentada a sua autoestima e se identifiquem como atores sociais importantes na construção da sociedade brasileira. (2016, p.227)

Desse modo, a cidade de Porto Alegre apresenta exemplos de museus que promovem o envolvimento da população com o espaço, são comunidades que utilizam o museu e expressam sua História, por vezes, apagada. O museu de Percurso do IAPI servirá para apresentar a história da Vila para o restante da população, assim servirá de argumento para a sua preservação.

Os pontos do museu

O Museu de Percurso da Vila do IAPI foi concebido de acordo com os principais pontos que constituem a Vila do IAPI e visa possibilitar à pessoa que entrar em contato com o museu o conhecimento do IAPI através de seus patrimônios, de sua história e da sua relevância.

São oito pontos que considero expressarem as arquiteturas, as histórias e as culturas do IAPI. Foram elencados por sua importância como pontos populares, como a escultura localizada no Viaduto Obirici, assim como o apartamento onde a cantora Elis Regina viveu dos 7 aos 18 anos. Além desses lugares, está presente também a praça Chopin, conhecida como “Praça do Laguinho” ou “Praça do Lago”, entre outros. Meu objetivo é trazer o visitante para dentro da Vila do IAPI. Assim, os pontos servem apenas como um guia para o visitante se locomover, pois o museu é a própria Vila do IAPI.

Ao projetar o Museu, projeto sua possível missão e visão. A missão do Museu de Percurso da Vila do IAPI é auxiliar na divulgação da cultura da Vila, assim como divulgar sua importância patrimonial, tanto material como imaterial. Já a visão do Museu é a de se tornar referência como museu de percurso na cidade.

O percurso tem três quilômetros de distância e é composto pelos seguintes pontos principais: Escultura da índia Obiririci, Escola Estadual de Ensino Fundamental Gonçalves Dias, Avenida dos Industriários, Parque Alim Pedro, Paróquia Nossa Senhora de Fátima, antigo apartamento de Elis Regina e Largo Elis Regina, Praça Chopin e a Praça Província de Shiga.

O percurso pode ser percorrido de diferentes maneiras. Cada um dos pontos pode ser início, meio ou final para o percurso. Todos os pontos apresentam locais para sentar, descansar e aproveitá-los. Porém, iniciar o percurso a partir da Avenida dos Industriários, possibilita ir em direção de qualquer dos outros sete pontos. A partir desse ponto, podem ser criados diferentes percursos, de acordo com a disposição do visitante.

Além desses oito pontos principais, o percurso engloba outros pontos da Vila do IAPI, como o Colégio Dom João Becker, a escola Cenáculo, a escola Estadual de Ensino Fundamental Padre Amstad, o Cemitério Municipal São João e a AMOVI (Associação dos Moradores da Vila dos Industriários). Assim, o visitante poderá ter contato com a arquitetura e o modo de vida de seus moradores.

Os oito pontos são explicitados a seguir:

Ponto 1 - Índia Obirici

A escultura em homenagem à indígena Obirici foi inaugurada em treze de março de 1975, quando o prefeito da época, Telmo Thompson Flores, inaugurou o viaduto no cruzamento das avenidas Plínio Brasil Milano e Brasiliano Índio de Moraes. A escultura foi modelada pelo artista Mário Arjonas e projetada por Nelson Boeira Faedrich.

Tal estátua simboliza uma das lendas da Cidade de Porto Alegre. Essa lenda conta que a índia Obirici havia se apaixonado pelo filho de um cacique, pertencente a outra tribo. Contudo, assim como Obirici, outra índia havia se apaixonado pelo mesmo homem. Então, houve uma disputa de arco e flecha entre ambas e Obirici acabou perdendo; muito triste, ela passou a vagar pelas terras arenosas onde hoje situa-se o Bairro Passo D´areia, no qual está localizada a Vila do IAPI. Em prantos, Obirici levantou os braços e pediu seu amado para Tupã. Mas acabou morrendo, nas areias do bairro. Conta a lenda que suas lágrimas formaram o riacho do bairro e que as mulheres indígenas viúvas de seus maridos mortos em batalhas pediam conforto nas lágrimas de Obirici.

Ponto 2 - Escola Gonçalves Dias

A Escola Estadual de Ensino Fundamental Gonçalves Dias foi a primeira escola do bairro, contando inicialmente com aulas para os turnos iniciais no período da manhã. Em 1951, foi criado o ginásio para que os alunos pudessem dar continuidade aos estudos, e, em 1960 o ginásio ganhou sede própria, próxima da sua antiga sede da escola tendo recebido o nome “Colégio Estadual Dom João Becker”, localizado na avenida Nova Prata, número 11.

A escola Gonçalves Dias tem como característica a acessibilidade para alunos deficientes visuais que recebem ajuda de professores e alunos. Essa instituição de ensino, localizada na Rua Candiota, é um símbolo para o bairro, pois boa parte dos moradores foram seus alunos.

Ponto 3 - Avenida dos Industriários

A avenida principal da Vila do IAPI, a dos Industriários faz parte do “Y” viário que deu início à Vila. Nesse ponto C estão localizados lugares de encontro e interação da vila, como a biblioteca pública, o parque Alim Pedro, a AMOVI (Associação dos Moradores da Vila dos Industriários), além de a avenida ter diferentes tipologias de edificações, se pode melhor conhecer a arquitetura da Vila. A avenida seria inicialmente nomeada ‘Presidente Dutra’, mas, por clamor popular, o nome sugerido era de “Getúlio Vargas” patrono da vila. No entanto, terminou por ser nomeada em homenagem aos moradores aos quais o conjunto foi destinado, os Industriários.

Ponto 4 - Parque Alim Pedro

Baseado no Estádio Olímpico de Tokyo, o Alim Pedro é o principal ponto de encontro da Vila do IAPI. Seu desenho semelhante a um anfiteatro conta com uma grande área verde, além de um campo de futebol com medidas oficiais (90 a 120 metros de comprimento e de 45 a 90 metros de largura), quadra de bocha e duas quadras poliesportivas onde se pode praticar basquete, futsal e vôlei. Sendo um lugar de integração, permeado de memória e momentos importantes. No Alim Pedro, a comunidade se mobiliza para montar uma enorme fogueira para a festa Junina/Julina. Ali também é o espaço de reunião para o bloco de carnaval que sai na vila.

Ponto 5 - Paróquia Nossa Senhora de Fátima

O IAPI apresenta uma forte comunidade católica, o que é simbolizado pela paróquia de Nossa Senhora de Fátima. Essa paróquia está presente na vida da comunidade, sempre realizando reuniões dançantes como galeto aos domingos e jantares aos sábados, de forma que tem uma grande importância para comunidade.

Ponto 6 - Elis Regina

Elis Regina é um símbolo do IAPI, talvez o mais conhecido junto com a índia Obirici. A cantora tem uma fama nacional e sempre quando se fala de IAPI se fala de Elis Regina. Sobre ela, Rafaela Lunardi aponta:

Elis Regina foi uma cantora de grande sucesso nas décadas de 1960, 1970 e início dos anos 1980. Vivendo em um período marcado pelo regime militar brasileiro, a artista e cidadã não se furtou a participar dos debates estéticos e políticos de seu tempo. Na década de 1970, especialmente na sua segunda metade, Elis se consagrou como artista engajada e, por isso, seu nome se ligou às lutas pela anistia e pela redemocratização do Brasil. (2014, p.188).

Elis Regina está simbolizada na Vila do IAPI por seu antigo apartamento, local onde se criou, e pelo Largo na Frente de seu prédio que recebeu seu nome.

Ponto 7 - Praça Chopin

Assim como o Alim Pedro, a praça Chopin é um símbolo que exemplifica como cidades jardins funcionam em relação ao ambiente onde estão inseridas. Tal praça, cujas tartarugas são alimentadas por moradores, foi criada num antigo riacho, criação esta possibilitada pelo aterramento de parte das águas, o que fez a praça ser chamada de “praça do lago” por muitos moradores. Recebeu este nome do próprio engenheiro do IAPI, Edmundo Gardolinski, que era fã do compositor polonês. Nas ruas que circundam a praça, é possível perceber a arquitetura das casas do IAPI em estilo californiano, com um arco antes da porta de entrada e com telhados em formato triangular

Ponto 8 - Praça da província de Shiga

A praça província de Shiga é uma praça cercada, inaugurada em 1983 e financiada pelo governo do Japão para celebrar a fraternidade assinada entre o Rio Grande do Sul e o Estado de Shiga, localizado naquele país. A praça, projetada pelo arquiteto e paisagista Kunie Ito, apresenta elementos dos tradicionais jardins japoneses, como por exemplo: pontes, cascata e quiosque.

São esses os oito pontos do museu de percurso. Os pontos podem ter mudanças com um possível desenvolver do museu e a interação com sua população. Porém vale ressaltar que os pontos apresentados apresentam o patrimônio que constitui a Vila do IAPI

Considerações Finais

A partir deste texto procurei apresentar um novo olhar sobre a Vila do IAPI, como um museu de percurso. Por meio da abordagem de alguns dos seus significados, divididos em três etapas, almejo alcançar pessoas com visões mais amplas sobre o patrimônio da cidade. O IAPI, como foi visto, é permeado de valor e, assim como outros espaços de Porto Alegre, merece ter sua história contada.

O artigo foi dividido em três etapas. A primeira versou sobre a história do IAPI, como um complexo residencial foi criado, com a fuga das enchentes e com um governo populista que avançou na assistência aos trabalhadores com os Institutos de Pensões e Aposentadorias. Foram apresentados os pontos da Vila do IAPI e o modo como se constituiu esse microuniverso, abordando os principais pontos de encontro e um pouco de sua cultura, como a forte ligação com a prática esportiva e o carnaval. Para melhor

ambientação e compreensão do tema do projeto, dediquei a segunda parte às noções de patrimônio da Vila. É de extrema importância a visão sobre o contexto para o patrimônio receber o devido valor e ser problematizado em todas as esferas.

O Brasil utilizou-se do patrimônio para construir sua identidade. Porém, o Estado sozinho não alcançou o patrimônio. Foi com a mobilização popular que se realizaram políticas que propuseram a preservação. Nesse contexto, a cidade de Porto Alegre foi uma das precursoras em políticas de preservação e restauração do patrimônio. Destacaram-se projetos, como a coleção “Memória dos Bairros”, que foram de suma importância para o conhecimento por parte da população. Atualmente, os bens culturais não estão em seu melhor momento. Reformas, obras e monumentos são abandonados pelo estado, e uma população que cada vez mais teme estar nas ruas, por motivos de segurança, não usufrui ou busca conhecer o patrimônio que está em sua volta. A luta patrimonial é atingida covardemente por governos ilegítimos e perversos, sendo os lugares ligados à cultura e ao patrimônio os primeiros a serem atingidos. No entanto, a luta é válida e eterna e cabe aos profissionais do campo sensibilizarem a população para a causa.

Na terceira parte, a abordagem foi relacionada ao objeto da pesquisa. A Vila do IAPI como museu de percurso é uma possibilidade. Com a visão conjunta de população e estado, é possível evidenciar os bens culturais porto-alegrense. Assim, é urgente impulsionar novos trabalhos que tenham tema semelhante ao meu e fazer com que novos pesquisadores voltem seus olhares para sua comunidade de origem. Os pontos que apresentei, os pertencentes ao percurso imaginado por mim, são exemplos desse contexto: antes visualizados sem importância, agora, após apenas essa leitura ou também – e principalmente – após a realização do museu proposto, podem ser vistos de forma diferente.

No curso de museologia, somos apresentados aos três pilares da Museologia: a pesquisa, a conservação e a comunicação. A pesquisa é a mais importante, pois, sem ela, não existe o que comunicar ou conservar, sendo portanto, de grande importância ao pesquisador. Porém, não podemos ser levados aos mesmos pontos, ou ficar “na bolha da academia”. A teoria é um exemplo disso: sempre são necessárias a prática e a busca da descentralização. Existem diferentes correntes de pesquisa e não podemos ficar fixos, sem buscar novas visões e conhecimentos.

Trata-se de um projeto ambicioso, o da formação de museu que pretendo seguir em novas etapas, como exemplo, o Museu de Instagram da Vila do IAPI (@museudeigdoiapi) que criei em Julho de 2020, dois anos após a defesa do TCC, no qual esse artigo se baseia. Novas vozes merecem ser ouvidas, uma gama maior de moradores merece o reconhecimento, com a busca de uma visão atual e uma busca democrática e até mesmo a realização do projeto de forma ativa e concreta. A provável realização desse projeto é uma alternativa, além de levar aos moradores o projeto, na busca de parcerias para não depender apenas de políticas públicas, já que vivemos um período não favorável a parcerias estatais.

Referências

BARBOSA, Leticia Maria. **A Topofilia na Vila do IAPI em Porto Alegre**. Porto Alegre. UFRGS/PPGEA, 2007.

CARTA DE NIZHNY TAGIL SOBRE O PATRIMÔNIO INDUSTRIAL THE INTERNATIONAL COMMITTEE FOR THE CONSERVATION OF THE INDUSTRIAL HERITAGE (TICCIH). Disponível em: <http://ticcih.org/wp-content/uploads/2013/04/NTagilPortuguese.pdf>. Acesso em 12 de dezembro de 2018.

- CARTA DE VENEZA DE MAIO DE 1964.** Disponível em: <http://portal.iphan.gov.br/uploads/ckfinder/arquivos/Carta%20de%20Veneza%201964.pdf>. Acesso em 15 de maio de 2018.
- CHOYA, Françoise. **A alegoria do patrimônio.** São Paulo. Estação Liberdade. Ed. UNESP, 2001.
- CUSTÓDIO, Luiz Antonio Bolcato [org.]. **Vila do IAPI: orientações para conservação.** Porto Alegre. Letras & Vida: Secretaria da Cultura de Porto Alegre: Coordenação da Memória Cultural, 2014.
- GERMANO, Iris; KRAWCZYK, Flavio; POSSAMAI, Zita. **Carnavais de Porto Alegre.** SMC,1992.
- LUNARDI, Rafaela. **Elis Regina: Entre o canto e a Política na década de 1970.** Revista Artcultura, Urbelandia, v. 16, n. 29, p. 187-202, 2014. Disponível em:http://www.artcultura.inhis.ufu.br/PDF29/17_Elis_Regina.pdf Acesso 6 de Outubro de 2018.
- MAROEVIC, Ivo. **O papel da musealidade na preservação da memória.** In: Congresso Anual ICOFOM- Museologia e Memória. Paris, 1997.
- MEIRA, Ana Lúcia Goelzer. **O passado no futuro da cidade: política públicas e participação dos cidadãos na preservação do patrimônio cultural de Porto Alegre.** Porto Alegre. Ed. UFRGS, 2004.
- MURTA, Stela Maris. GOODEY, Brian. **Interpretação do patrimônio para turismo sustentado um guia.** SEBRAE. Belo Horizonte. 1995.
- NUNES, Marion; COUTINHO, Mário; ABRÃO, Janete. **Memórias dos Bairros :Vila do IAPI.**SMC,1991.
- POSSAMAI, Zita Rosane. **Nos bastidores do museu: patrimônio e passado da cidade de Porto Alegre.** Porto Alegre. EST Edições. 2001.
- RAMOS, Janice Dias; VARGAS, Pedro Rubens Nei Ferreira [Org.]. **Museu de Percurso do Negro em Porto Alegre: Etapa IV.** Porto Alegre. Ed. Porto Alegre, 2015.
- RUBIM, Antonio Albino Canelas e ROCHA, Renata. (Orgs.). **Políticas culturais no Brasil: passado e presente.** In. Políticas Culturais. 2012
- RUBIM, Antonio Albino Canelas. (Org.) **Políticas culturais no governo Lula** Editora EDUFBA. 2010.
- SANTOS, Milton. **Metamorfoses do Espaço Habitado.** São Paulo. HUCITEC, 1996.
- SANTOS, Myrian Sepúlveda dos. **A Escrita do passado em museus históricos.** Rio de Janeiro. Giramond. 2006
- SCHEINER, Tereza. **Museu, ecomuseu, anti-museu: novas abordagens sobre patrimônio, sociedade e desenvolvimento.** In: _____. (org.). Bases teóricas da Museologia. Rio de Janeiro: UNRIO, 2009. p. 50-57.
- SUSIN, Ivana Valin. **O Acervo Fotográfico de Edmundo Gardolinski como lugar de uma memória arquivada.** In: XVI Encontro Regional da ANPUH-RIO ,2010, Rio de Janeiro. Disponível em: http://www.encontro2010.rj.anpuh.org/resources/anais/8/1276733787_ARQUIVO_artigo_anpuh.pdf. Acesso 30 de Setembro de 2018.
- ZEN, Ana Maria Dalla [Org.]. **Aulas de museu.** Porto Alegre. Editora da UFRGS, 2016.

Recebido em 10/07/2020.

Aceito em 24/08/2020.